

O TEMPO E O ASPETO EM *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL*: ESTUDO COMPARATIVO DAS RELAÇÕES TEMPORAIS EM ORAÇÕES COMPLETIVAS INFINITIVAS EM PORTUGUÊS E INGLÊS

Bárbara Pinho¹

up201703028@letras.up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Os sistemas verbais português e inglês apresentam diferenças estruturais evidentes quer nos tempos verbais que os compõem, quer nas estruturas frásicas em que surgem. Com o intuito de realizar um estudo comparativo dos valores temporais nestas duas línguas, analisam-se e comparam-se todos os tempos verbais encontrados na versão inglesa e portuguesa de um excerto de uma obra de literatura de origem inglesa e amplamente traduzida em português. Esta análise permitiu averiguar, nomeadamente, a produtividade dos infinitivos simples em português, bastante superior à do inglês. Posteriormente, para uma análise mais extensiva das leituras temporais do infinitivo, foram comparadas em termos temporais as orações infinitivas de tipo completivo encontradas no excerto, nas duas línguas, o que permitiu perceber que, de acordo com propostas recentes, o infinitivo simples não é totalmente desprovido de marcas temporais.

PALAVRAS-CHAVE. Tempo, Aspeto, Relações Temporais, Completivas Infinitivas.

ABSTRACT. Portuguese and English verbal systems pose clear structural differences in terms of verbal tenses and in terms of the complex sentences they appear in. With the goal of performing a comparative study of the temporal values in these two languages, we have analyzed and compared all the verbal tenses found in an excerpt of an English literary production and its Portuguese translation. This analysis allowed us to ascertain, namely, the productivity of Infinitives in Portuguese, widely superior to the Infinitive productivity in English. Following that, in order to accomplish a more extensive analysis of the temporal values Infinitive clauses can assume, we have compared the infinitive *that*-clauses in the excerpt in both languages. Among other conclusions, this allowed us to verify that, according to recent studies, the Infinitive is not totally devoid of temporal features.

KEYWORDS. Tense, Aspect, Temporal Relations, Infinitive *that*-clauses.

¹ Estudante do 3.º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem.

1. Introdução

O facto de as línguas naturais disporem de diferentes tempos verbais mostra que as línguas exprimem propriedades temporais e aspetuais similares através de formas e mecanismos que podem ser distintos. Este facto pode causar dificuldades aos tradutores, que, no decurso da sua profissão, podem deparar-se com algumas complexidades estilísticas e semânticas na tentativa de veicular uma leitura temporal fiel à do texto original. As diferentes formas de marcar as leituras temporais que as línguas naturais podem transmitir foi, assim, o ponto de partida para a elaboração deste estudo. O objetivo deste trabalho é, portanto, averiguar se existem paralelismos pertinentes entre as estruturas temporais da língua inglesa e as da língua portuguesa², através de uma perspetiva comparativa.

Uma vez que as línguas naturais possuem um número elevado de formas de construir as relações temporais, foi necessária a restrição a apenas um tipo de estruturas para viabilizar este estudo. Assim, limitou-se o estudo comparativo às orações infinitivas de tipo completo selecionadas por verbos e que desempenham a função de objeto direto na frase em que se inserem. Com efeito, partiu-se de um objetivo primário de identificar paralelismos e diferenças em termos de tempos verbais nas duas línguas em estudo, para um objetivo mais específico de analisar os valores temporais veiculados por este segundo tipo de estruturas.

Para realizar este estudo comparativo, é necessário o conhecimento de algumas noções de tempo e aspeto nas duas línguas estudadas, do seu sistema verbal, e, mais especificamente, um estudo pormenorizado dos infinitivos e orações em que ocorrem. Esta foi a primeira fase deste estudo e é a que se apresenta na secção seguinte, com recurso às propostas de Reichenbach (1947), Vendler (1967), Moens & Steedman (1988), Oliveira (1998, 2003, 2013), Silvano (2003, 2015), Cunha & Silvano (2006, 2008), entre outras.

Seguidamente, na terceira secção deste trabalho, procede-se à apresentação e parâmetros de análise dos *corpora*. Nesta secção, são explicitadas todas as ferramentas utilizadas para o tratamento dos dados obtidos. Finalmente, esta parte termina com uma discussão dos resultados alcançados.

2. Enquadramento teórico

2.1. Breves considerações sobre tempo

Segundo Oliveira (2003: 129), o tempo linguístico é uma categoria semântica que visa a localização temporal de uma dada situação expressa num enunciado. Nas línguas naturais, o

² Sempre que, ao longo desta exposição, se mencionar a língua portuguesa, este termo refere-se à variedade padrão do português europeu.

tempo corresponde a um conceito representável num eixo linear que vai desde o passado em direção ao futuro. Com efeito, nas línguas naturais é possível representar o tempo em três domínios: o passado, o presente e o futuro.

Há vários mecanismos na frase que podem veicular a informação de tempo linguístico. O mais comum são os tempos verbais, uma vez que expressam o tempo morfológica (tempos simples) ou sintaticamente (tempos compostos), isto é, no primeiro caso, na forma do verbo há marcas flexionais que providenciam a informação de tempo, ou há o recurso a verbos auxiliares para o efeito, no segundo caso. As línguas naturais possuem, contudo, tempos verbais que tradicionalmente se consideram desprovidos de tempo, uma vez que não integram morfemas flexionais de tempo-modo-aspeto ou de pessoa-número, mas que podem adquirir diferentes valores temporais quando ocorrem com adjuntos temporais. Tradicionalmente, estas formas designam-se formas não finitas³. Contrariamente, todas as restantes formas são designadas de formas finitas. Há ainda um conjunto de verbos auxiliares e semiauxiliares que podem alterar o valor temporal do verbo pleno da frase.

Assim sendo, a língua portuguesa é dotada de um sistema verbal bastante complexo. O sistema verbal português contempla, no indicativo, uma forma de presente, cinco de passado, e três de futuro⁴, sendo que uma delas é construída com o verbo semiauxiliar “ir”⁵. Alguns destes tempos verbais são construídos com formas compostas, com recurso ao auxiliar *ter*.

Tempo Verbal	Forma
Presente	amo
Pretérito perfeito	amei
Pretérito perfeito composto	tenho amado
Pretérito imperfeito	amava
Pretérito mais-que-perfeito	amara
Pretérito mais-que-perfeito composto	tinha amado
Futuro	amarei
Futuro perfeito	terei amado

³ Deve notar-se que a designação de formas “não finitas” se prende não tanto com as suas características semânticas, mas sobretudo com as suas propriedades morfológicas, i.e., com o facto de não integrarem o morfema flexional de tempo-aspeto-modo (e, em muitos casos, também o de pessoa e número).

⁴ Em português, o condicional é frequentemente apelidado de “futuro do passado”. Todavia, não é considerado aqui como uma forma de futuro, uma vez que esta leitura de futuro do passado só é admitida em determinados contextos, pelo que esta forma verbal pode manifestar outras leituras temporais.

⁵ O semiauxiliar “ir” em construções do tipo “ir + infinitivo” pode, também, ocorrer conjugado noutros tempos verbais. Para este artigo, é apenas relevante mencionar a forma “ir” no presente do indicativo + infinitivo. Contudo, em PE, é possível uma construção do tipo “O João foi correr com os amigos.” (cf. Cunha, 2016).

Futuro (com “ir” + infinitivo)	vou amar
--------------------------------	----------

Quadro 1. Tempos do Indicativo em Português.

O modo condicional admite apenas uma forma simples (*amaria*) e uma composta (*teria amado*).

O conjuntivo apresenta: uma forma de presente, três de passado e duas de futuro. Tal como o modo indicativo, o conjuntivo pode ser construído morfologicamente ou com recurso ao auxiliar *ter*.

Tempo Verbal	Forma
Presente	ame
Pretérito perfeito composto	tenha amado
Pretérito imperfeito	amasse
Pretérito mais-que-perfeito	tivesse amado
Futuro	amar
Futuro perfeito	tiver amado

Quadro 2. Tempos do Conjuntivo em Português.

2.1.1. Algumas diferenças dos sistemas verbais português e inglês

O sistema verbal inglês é mais simples e específico do que o português e a sua caracterização assenta, essencialmente, em duas categorias aspetuais: a perfeitividade (*perfect*) e a progressividade (*continuous*) de uma situação (Lopes 1999). Enquanto o português coloca todos os tempos verbais no mesmo nível de importância, não considerando todas as possibilidades aspetuais que um tempo verbal pode oferecer, o inglês classifica os seus tempos verbais com base em propriedades deste tipo. Assim, em português é possível que as formas simples e composta do mesmo tempo verbal transmitam leituras temporais diferentes. Em inglês, cada forma verbal corresponde a um tempo diferente, e veicula, portanto, informações temporais diferentes.

Outra diferença importante entre os dois sistemas verbais é que o português contém formas de passado, presente e futuro; ao passo que a língua inglesa contempla apenas formas morfológicas de passado e presente. O futuro é marcado através de outros mecanismos linguísticos. De acordo com Huddleston (2002: 116), o inglês não apresenta futuro morfológico. A noção de futuro é dada com recurso à modalidade, utilizando verbos auxiliares modais como *will* e *shall*, e é comumente denominada por *simple future*. Efetivamente, a marcação morfológica dos tempos verbais é mais forte em português do que em inglês, pois o português tem morfemas de tempo-modo-aspeto e de pessoa-número na

maior parte dos casos. A língua inglesa tem, então, no modo indicativo, duas formas de presente, seis formas de passado e três de futuro.

Tempo verbal	Forma Verbal
Present	live
Present Continuous	am living
Present perfect	have lived
Present perfect continuous	have been living
Simple Past	lived
Past continuous	was living
Past perfect	had lived
Past perfect continuous	had been living
Future	will/shall live
Future of the past (conditional)	would/should live
Future perfect	will have lived
Future continuous	will be lived
Future perfect continuous	will have been living

Quadro 3. Tempos do Indicativo em Inglês.

O modo conjuntivo em inglês (*subjunctive*) tem só uma forma de presente e uma de passado, e apresenta um uso muito reduzido. Na verdade, o presente do conjuntivo em inglês é muitas vezes substituído pelo verbo modal *should*.

Tempo verbal	Forma verbal
Present subjunctive	be/love/sing/do/arrive
Past Subjunctive	were/loved/sang/did/arrived

Quadro 4. Tempos do *Subjunctive* em Inglês.

Morfologicamente, as formas de *subjunctive* coincidem com as formas do infinitivo, no caso do presente; no caso do passado, coincidem com as formas de *simple past*. O *subjunctive* é, ao contrário do conjuntivo em português, um tempo não finito, uma vez que não flexiona em pessoa e número, e o seu valor temporal é adquirido tendo em conta a totalidade do enunciado.

2.1.2. Outros mecanismos de veiculação de informação temporal

Para além dos tempos verbais, há outros mecanismos nas línguas naturais que transmitem informação temporal. Alguns adjuntos adverbiais podem desempenhar essa função. Estes adjuntos podem ser alguns advérbios de tempo, alguns sintagmas

preposicionais, que podem ou não conter nomes de referência cronológica, e orações temporais. Oliveira (2003: 166-167) denomina estes adjuntos como adverbiais de tempo. Os adverbiais de tempo podem dar informações temporais variadas, como a localização de uma dada situação, a sua duração e se essa se repete no período de tempo estabelecido ou não.

Veja-se os seguintes exemplos:

- (1) O Manuel nasceu a 9 de outubro de 1992.
- (2) O Jorge foi ao café e duas horas depois voltou para casa.
- (3) Quando chegou a casa, a Rita fez o jantar.
- (4) A Rita arrumou a sala antes de os convidados chegarem.
- (5) Ele leu o livro em dois dias.
- (6) Vou a Madrid por poucos dias.
- (7) Desde que começou o Porto 2001, eles têm ido a um espetáculo todas as semanas.
- (8) O Rui trabalhou das nove às cinco.
- (9) O Pedro faz anos amanhã.

(Oliveira 2003: 167-170)

A frase (1) perspetiva um exemplo de um sintagma preposicional que faz a localização absoluta de uma situação, que ocorreu no passado, num momento específico do tempo. A frase (2) localiza igualmente uma situação num dado momento do eixo do tempo. A diferença entre (1) e (2) reside no facto de a primeira providenciar uma localização absoluta da situação e a segunda uma localização relativa, pois necessita da informação veiculada pela primeira oração para localizar a segunda. Há uma localização anafórica. As frases (3) e (4) estabelecem o mesmo tipo de localização anafórica, porém são orações temporais que contribuem para a sua localização. Nos exemplos (5)-(8), são sintagmas preposicionais que fornecem informação temporal. Mais do que localizar situações no tempo, estes sintagmas preposicionais dão informações da duração – exemplos (5), (6) e (8) –, ou da frequência com que ocorrem – exemplo (7), embora, neste último exemplo, a informação de frequência seja dada não só pelo adverbial temporal, mas também pelo uso do Pretérito Perfeito Composto, que confere leitura de iteratividade à situação de “ir a um espetáculo”. O exemplo (9) contém um advérbio de tempo, “amanhã”, e localiza, portanto, a situação num futuro próximo. Assim, apesar de o tempo gramatical da frase ser o presente do indicativo, o advérbio de tempo transforma o tempo linguístico da frase num tempo futuro. São exemplos como este que tornam visível a necessidade de analisar uma frase composicionalmente.

Por último, os verbos auxiliares e semiauxiliares podem também operar no domínio do tempo. Vejam-se exemplos como:

- (10) A Isabel tem estado bem-disposta.

(Oliveira 2013: 528)

(11) Vou comprar arroz.

O auxiliar *ter* utilizado no tempo composto da frase (10) transmite a informação temporal de que a situação se iniciou no passado, permanece no presente e não se sabe se continua para além do momento da enunciação, ou seja, não tem um final estabelecido. O uso do verbo “ir” com o verbo pleno no infinitivo, como é o caso de (11), transmite a ideia de futuridade. Na verdade, a perífrase “ir” + verbo pleno no infinitivo é cada vez mais recorrente no português para veicular futuridade.

2.1.3. Relações temporais

De acordo com Reichenbach (1947: 287-288):

“The tenses determine time with reference to the time point of the act of speech, i.e., of the token uttered. A closer analysis reveals that the time indication given by the tenses is of a rather complex structure.”

(Reichenbach 1947: 287-288)

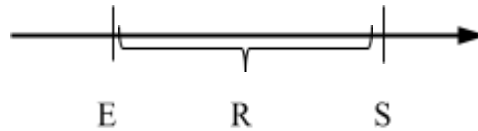
Seguindo a proposta de Reichenbach (1947: 287-298), a localização temporal não deve ser tomada exclusivamente em relação ao momento da fala, mas deve fazer-se com base em três intervalos de tempo: o ponto da fala (S – *point of speech*), isto é, o momento em que o enunciado é produzido; o ponto do evento (E – *point of event*), mais precisamente, o momento em que ocorre a situação descrita no enunciado; e o ponto de referência (R – *point of reference*), um momento no tempo entre o ponto do evento e o ponto de enunciação, que pode ou não estar expresso no enunciado.

Reichenbach defende ainda que avaliar uma situação como ocorrida apenas antes, ao mesmo tempo, ou depois do momento da enunciação não é suficiente para dar conta da variedade de tempos verbais existentes na língua, nem para distinguir as particularidades dos mesmos. A dificuldade das gramáticas em explicar a totalidade de tempos verbais advém, para Reichenbach, do facto de estas não considerarem estes três intervalos de tempo.

De acordo com esta proposta, no exemplo (12), o ponto de evento ocorre anteriormente ao ponto da fala. Mais do que isso, o uso do *past perfect* indica que há um ponto de referência que é posterior ao ponto do evento, mas terá que ser anterior ao momento de enunciação. Contudo, sem contexto, a localização do ponto de referência não é clara, pelo que pode ter ocorrido no intervalo de tempo estipulado entre os outros dois momentos do enunciado.

(12) Peter had gone.

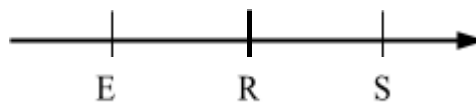
(Reichenbach 1947: 288)



No exemplo (13), já há um ponto de referência explícito. Assim, o ponto de referência é anterior ao ponto da fala. Mas o ponto de referência é também posterior ao ponto do evento. Nesse sentido, o ponto do evento é anterior ao ponto de referência e, conseqüentemente, ao ponto da fala.

(13) In 1678 the whole face of things had changed.

(Reichenbach 1947: 288)



No exemplo (14), considera-se que no mesmo momento em que o enunciado é produzido, a situação descrita ainda se prolonga, daí que os três pontos sejam coincidentes.

(14) A Maria vive no Porto.



Assim sendo, o ponto de referência, o ponto do evento e o ponto da fala podem estabelecer entre si relações em que um antecede o outro (relações de anterioridade), em que um sucede ao outro (relações de posterioridade) ou em que se verifica a sua coocorrência no mesmo intervalo de tempo (relações de simultaneidade).

Esta proposta de Reichenbach permite descrever todos os tempos gramaticais existentes e ainda denotar os tempos verbais que contêm prolongamento no seu significado.

Esta proposta teórica foi elaborada para a língua inglesa. Porém, é possível aplicá-la aos tempos de outras línguas, nomeadamente aos tempos do português.

2.2. Breves noções sobre aspeto

De um ponto de vista semântico não é possível falar do tempo de uma frase sem falar de aspeto. Como refere Vendler (1967: 97):

“The fact that verbs have tenses indicates that the concept of time is not only about being past, present or future time. The use of a verb may also

suggest the particular way in which that verb presupposes and involves the notion of time.”

(Vendler 1967: 97)

O aspeto, segundo Cunha (2013: 585), corresponde à estrutura temporal interna das situações representadas nas frases. Quando analisada a frase como um todo, o aspeto diz respeito a valores semânticos relacionado com o início e fim da situação descrita (caso estejam representados), o prolongamento da situação, ou alterações do estado de coisas descrito no enunciado. Assim sendo, tanto o tempo como o aspeto fornecem informações semânticas relevantes sobre a situação: o tempo quanto à estrutura temporal externa e o aspeto quanto à estrutura temporal interna.

Com efeito, todas as situações descritas em enunciados são dotadas de um perfil temporal interno básico, ou seja, de uma classe aspetual básica. Esta classe aspetual básica corresponde ao aspeto lexical ou *Aktionsart*, resultando das relações que o verbo e seus argumentos estabelecem entre si. Isto não significa, contudo, que a classe aspetual básica de uma situação não possa ser alterada. Aliás, é muito frequente que a intervenção de elementos como o tempo gramatical, os verbos de operação aspetual e os adverbiais temporais causem alterações do perfil aspetual básico da situação. Deste modo, a situação sofre um processo de derivação aspetual e passa a ter um perfil aspetual derivado. O perfil aspetual derivado corresponde ao aspeto derivado.

- (15) O João escreveu o livro.
- (16) O João começou a escrever o livro.

(Cunha 2013: 586)

- (17) She eats an apple (*a day*).
- (18) She is eating an apple.

Em (15) e (16) o tempo verbal é o pretérito perfeito, mas o facto de (16) incluir um verbo de operação aspetual (*começar a*) altera a classe aspetual de (15) e foca a parte inicial da situação de “escrever um livro”. Da mesma forma, (17) e (18) manifestam o tempo presente. Mas (18) focaliza o processo de “comer uma maçã” e retira a repetição habitual patente em (17).

Em português, o aspeto depende de uma multiplicidade de fatores e, desta forma, a mesma propriedade aspetual pode ser conseguida recorrendo a mecanismos muito distintos. Por esta razão, não é possível estabelecer uma correspondência direta de uma propriedade aspetual a um só mecanismo linguístico.

Nos exemplos que se seguem, a mesma informação aspetual de habitualidade é transmitida, apesar do recurso a mecanismos linguísticos diferentes: em (19) através do adjunto adverbial de duração temporal; em (20) através do verbo *costumar*, que introduz a informação aspetual de habitualidade.

(19) A Maria tocou piano durante 20 anos.

(20) A Maria costumava tocar piano.

(Cunha 2013: 587)

Em inglês, o sistema verbal focaliza de forma mais específica propriedades aspetuais (cf. 2.1.1.), pelo que é mais fácil atribuir propriedades aspetuais a uma dada forma verbal. Todavia, tal como ocorre em português, há verbos de operação aspetual que alteram os perfis básicos das situações.

2.2.1. Propriedades aspetuais

Vendler (1967: 97-121) descreveu algumas propriedades aspetuais essenciais para perceber e diferenciar o perfil aspetual das situações: dinamicidade, duratividade, homogeneidade e telicidade. Esta proposta foi, mais tarde, desenvolvida por Dowty (1979) e é amplamente usada por vários autores atualmente. Assim,

- Dinamicidade: diz-se que uma situação é dinâmica se implica um conjunto de fases que podem alterar o estado de coisas inicial;
- Duratividade: diz-se que uma situação é durativa quando esta se prolonga durante um intervalo de tempo;
- Homogeneidade: uma situação é homogénea se as partes que a constituem mantêm as mesmas características da situação considerada como um todo;
- Telicidade: diz-se que uma situação é tética se ela própria contém um fim ou ponto de culminação. Implica uma consequência. Tem, portanto, um estado resultativo/consequente.

Estes são quatro pontos que distinguem as várias classes aspetuais básicas das situações.

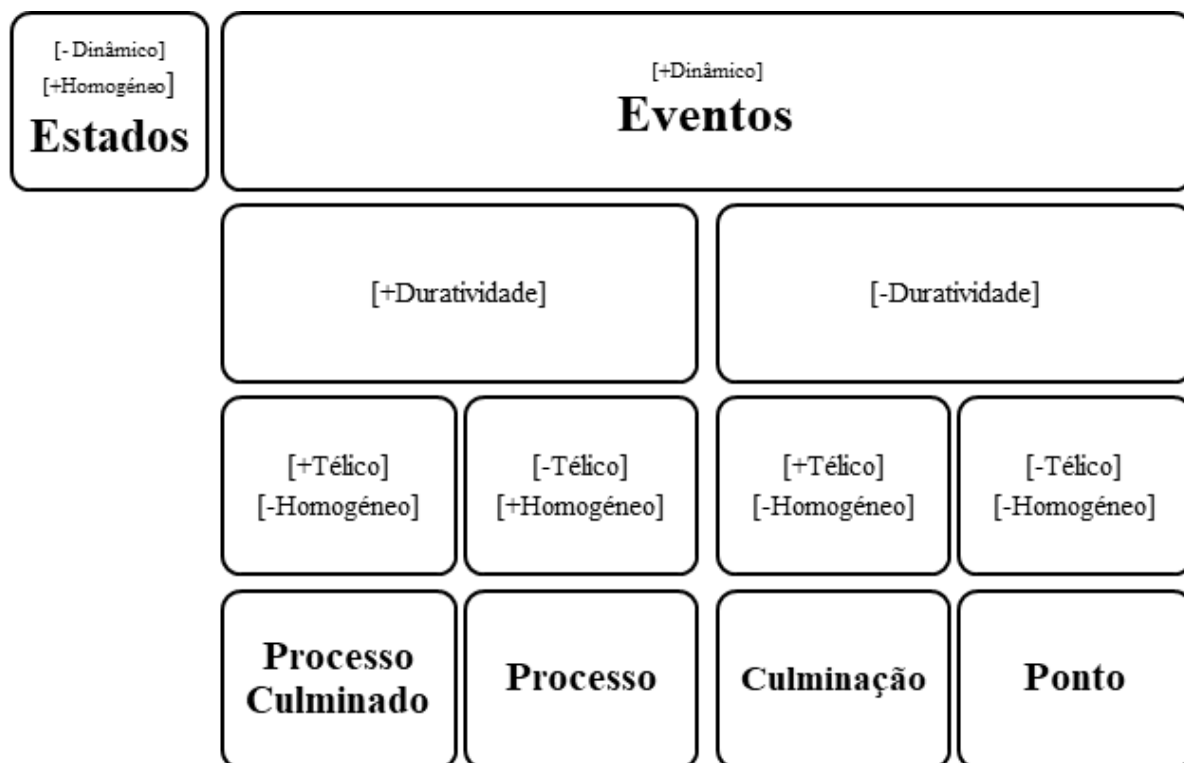


Figura 1. Classes aspetuais básicas.

Se uma situação não é dinâmica, tem de ser um estado, porque não implica uma alteração da situação. Se a situação é dinâmica, então é um evento. Estados são então “situações não dinâmicas, cuja estrutura interna se revela inteiramente uniforme”, pelo que são homogéneos; “os eventos, pelo contrário, são caracterizados pela dinamicidade, apresentando uma série de subfases constitutivas em sucessão” (Cunha 2013: 592). Os processos são a única classe aspetual eventiva dotada do traço de homogeneidade.

Dentro da categoria dos eventos, podemos encontrar situações que podem ter duratividade. Os eventos durativos que não têm um fim em si próprios, isto é, que são atélicos, são processos. Porém, se o evento é durativo e é télico é, então, um processo culminado. Os eventos podem, no entanto, não ter duratividade e serem, nessa medida, classificados como pontuais. Neste caso, se eventos pontuais não são atélicos, então são pontos. Se eventos pontuais são atélicos, então são culminações.

A proposta de Moens (1987: 65), mais tarde desenvolvida por Moens & Steedman (1988: 97-98), propõe a existência de um núcleo aspetual, no qual os eventos devem ser agrupados. Pretende facilitar a compreensão das transições ou transformações que se podem verificar entre as diversas classes aspetuais graças à adoção de uma Rede Aspetual. Segundo

esta proposta, todos os eventos podem ser descritos através da sua constituição física representada no núcleo aspetual:

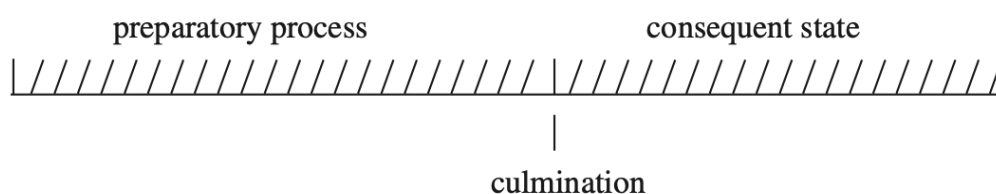


Figura 2. Núcleo Aspetual de Moens (1987: 65) e Moens & Steedman (1988: 98).

Assim, basta retirar a fase preparatória a um processo culminado e ele torna-se uma culminação; basta acrescentar um ponto de culminação a um processo para que este se torne um processo culminado; a iteração de pontos dá origem a um processo.

Para finalizar, quando uma situação é perspectivada na sua fase processual e não se conhecem os seus limites no tempo, diz-se que é imperfetiva; pelo contrário, quando a situação é perspectivada como um todo e como concluída, diz-se, tradicionalmente, que é perfetiva. Porém, de acordo com Cunha (2013: 618), é possível que uma situação tenha terminado no tempo, mas que não esteja concluída no seu todo. Assim, é necessário distinguir entre situação concluída e situação terminada. O autor estabelece que a situação concluída “contempla todas as suas fases constitutivas”; a situação terminada corresponde a uma situação que já terminou e que pode não incluir todas as suas fases constitutivas. Cunha (2013) assinala esta diferença através do exemplo *O João esteve a escrever uma carta*: se é verdade que alguém esteve a escrever uma carta, não é necessariamente verdade, contudo, que a carta esteja escrita, embora a eventualidade de escrever uma carta já não se prolongue no tempo e já tenha terminado.

2.2.2. Mudança aspetual

Como se disse, certos elementos gramaticais podem alterar o perfil aspetual básico de uma situação. Estes elementos podem ser tempos verbais, verbos de operação aspetual, adjuntos adverbiais ou mesmo a própria natureza semântica dos complementos existentes numa frase. De entre todos os elementos linguísticos passíveis de realizar estas transformações, salientam-se os tempos gramaticais e os verbos de operação aspetual.

2.2.2.1. Alguns tempos gramaticais que desencadeiam mudança aspetual

Nesta secção, apresentam-se apenas alguns exemplos de tempos verbais do indicativo, cujos efeitos, em termos aspetuais, são mais notórios.

O presente do indicativo em português, quando aplicado a eventos, confere-lhes uma leitura de habitualidade ou de genericidade, recategorizando os eventos em estados. O mesmo ocorre com o inglês com o uso do *simple present*.

(21) O Paulo fuma.

(Cunha 2013: 616)

(22) Mary smokes.

O pretérito imperfeito produz efeitos análogos, com a diferença de que estes ocorrem no passado. No inglês, é o *simple past* que desempenha esta função, embora o *simple past* nem sempre transforme os eventos em estados. O exemplo (25) é, por exemplo, ambíguo. Dependendo do contexto, pode corresponder a um estado ou a um evento. Mas, se se adicionar o elemento 'at that time' (cf. (26)), já se torna claro que a situação descreve um estado habitual. Para o efeito, o inglês admite igualmente o uso de outros mecanismos, como, por exemplo, o uso da expressão 'used to' + verbo principal (Huddleston 2002: 115) ((27)).

(23) A Maria ia para a escola de autocarro.

(Cunha 2013: 616)

(24) O Paulo fumava.

(25) Mary went to school by bus.

(26) At that time, Mary went to school by bus.

(Traduzido e adaptado de Cunha 2013: 616)

(27) Mary used to smoke.

Em português, o pretérito imperfeito admite ainda um uso semelhante ao progressivo *estava a* + infinitivo, que focaliza a fase processual do evento, como em (28). Em inglês, esta leitura é dada pelo *past continuous*.

(28) A Joana lia um artigo (quando o telefone tocou).

(Cunha 2013: 616)

É de salientar também o pretérito perfeito composto, que, contrariamente ao que o nome sugere, não é um tempo perfeito em português. Por outras palavras, a situação descrita por este tempo gramatical não é perspectivada como terminada e pode continuar para além do ponto da fala. Em inglês, o correspondente deste tempo verbal seria o *present perfect continuous*.

(29) A Ana tem ido ao cinema.

O pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito são considerados, segundo Cunha (2013: 617), os tempos gramaticais mais neutros em termos aspetuais. Estes dois tempos verbais tendem a manter as características aspetuais das situações básicas com que coocorrem.

2.2.2.2. Verbos de operação aspetual

Tanto o português como o inglês possuem verbos semiauxiliares que têm a função de alterar o perfil aspetual básico de uma situação, focalizando uma das fases que a constituem. A este tipo de verbos dá-se o nome de verbos de operação aspetual/*lexical aspectual verbs*. Alguns exemplos destes verbos são *estar a/andar a, começar a, continuar a, deixar de/parar de/acabar de*. Segue-se uma lista destes operadores, com a respetiva correspondência em inglês e com a leitura que conferem às situações.

Operador Aspetual Português	Operador Aspetual Inglês	Leitura
<i>Estar a</i>	_____	Progressividade
<i>Andar a</i>	_____	Habitualidade
<i>Começar a</i>	<i>Begin to</i>	Focaliza o início de uma situação – aspeto ingressivo
<i>Continuar a</i>	<i>Keep on + gerund</i>	Confere duratividade – aspeto continuativo
<i>Deixar de/Parar de</i>	<i>Stop + gerund</i>	Leitura não habitual, leitura pontual – aspeto cessativo
<i>Acabar de</i>	<i>Finish + gerund</i>	Remete para a conclusão de uma situação – aspeto conclusivo

Quadro 5. Alguns verbos de operação aspetual em português e em inglês.

Como se disse, o sistema verbal inglês é construído sobre dois pilares aspetuais essenciais, sendo um deles o da progressividade (cf. 2.1.1.), por isso, não incluímos operador aspetual com valor progressivo na coluna referente ao Inglês. Mais ainda, os verbos de operação aspetual em português europeu padrão são seguidos pelo verbo principal no infinitivo. Em inglês, os verbos de operação aspetual podem anteceder verbos na forma infinitiva, mas também na sua forma gerundiva.

2.3. O infinitivo em orações complexas

Já se viu que os tempos verbais em português se dividem em formas finitas e formas não finitas. As formas finitas são todas as formas do modo indicativo e do modo conjuntivo, uma vez que todas elas possuem marcas morfológicas de tempo, modo e aspeto. Por seu turno, as formas não finitas são aquelas que, tradicionalmente, são descritas como não sendo portadoras de informação temporal, como o gerúndio, o particípio e o infinitivo. Em português, o infinitivo tem uma forma simples e uma composta, construída com o auxiliar *ter* (*amar vs. ter amado*).

Das tradicionais formas não finitas, o gerúndio e o particípio são as que veiculam informação aspetual marcada morfológicamente por *-ndo* e *-do* (respetivamente) em conjugação com as estruturas em que se inserem. O infinitivo é aspetualmente neutro. Morfológicamente, o infinitivo pode apresentar marcas de pessoa e número, quando consideramos a sua forma flexionada – o infinitivo flexionado – mas não apresenta marcas de temporalidade (Oliveira 2013: 547). Em inglês, o infinitivo não apresenta igualmente marcas de temporalidade, nem apresenta marcas de pessoa e número, pelo que o infinitivo tem apenas uma forma.

Na língua inglesa, o infinitivo partilha a sua forma morfológica com o *imperative* e com o *subjunctive*. Estas categorias são, por isso, inflexionáveis. Huddleston (2002: 83-84) apelida estas formas verbais de *plain forms*, baseando-se em questões lexicais e ignorando as questões semânticas que as distinguem. Para Huddleston (2002), é ainda errado fazer a distinção entre o *to-infinitive* e o *bare infinitive*. O autor defende que ‘*to*’ não faz parte do verbo e que é antes um prefixo sintático que pode existir independentemente da forma infinitiva. ‘*To*’ não é, assim, uma marca morfológica desta forma verbal.

Uma vez que o infinitivo não apresenta marcas morfológicas de temporalidade, é bastante frequente que as estruturas infinitivas ocorram em contextos de subordinação, como parte integrante de orações complexas. Para este trabalho são especialmente relevantes as construções infinitivas em orações subordinadas substantivas completivas argumentais de verbo com função de objeto direto.

2.3.1. Orações subordinadas substantivas completivas infinitivas

Um dos mecanismos para a criação de frases complexas, isto é, frases com mais do que uma oração, é a subordinação. Quando há subordinação, uma oração é sempre dependente da outra e exerce uma determinada função sintática na globalidade da frase.

Assim, as orações subordinadas são substantivas quando a oração desempenha funções semelhantes às de um nome. Em português, as orações subordinadas substantivas são completivas:

“A subordinação completiva é um dos grandes tipos de subordinação, caracterizável pelo facto de a frase subordinada constituir um argumento de um dos núcleos lexicais da frase superior, tendo, por isso, uma distribuição aproximada da das expressões nominais.”

(Duarte 2003: 595)

A autora acrescenta ainda que a oração completiva é um argumento obrigatório da frase superior e que a supressão da completiva resulta na agramaticalidade da frase superior. É por esta razão que as orações completivas desempenham uma função sintática na globalidade da frase e “podem ser substituídas por pronomes demonstrativos invariáveis como *isto, isso, aquilo*” (Duarte 2003: 598).

Sendo a oração completiva um argumento de um elemento da oração subordinante, ela é sempre selecionada por esse elemento. Os elementos que selecionam completivas podem ser nomes, verbos ou adjetivos. Mais ainda, as orações completivas podem ser finitas, se o verbo que nelas comparece estiver num tempo finito; ou infinitivas, se o verbo que nelas ocorre estiver num tempo do infinitivo (flexionado ou não flexionado).

Finalmente, as orações completivas estabelecem sempre relações gramaticais com a frase superior. A completiva pode exercer a função de sujeito (30), a função de objeto direto (31), ou a função de complemento oblíquo (32):

- (30) É possível que o João não venha à festa.
- (31) O João disse que ia ao cinema connosco.
- (32) O João insistiu em que fôssemos à festa dele.

(Duarte 2003: 606-614)

São as orações subordinadas substantivas completivas infinitivas argumentais de verbo com função de objeto direto, como (33), que são relevantes para este trabalho.

- (33) Eles adoraram fazer parte do júri.

(Barbosa & Raposo 2013: 1927)

2.3.2. Leituras temporais do infinitivo simples

Como se disse, segundo Oliveira (2013: 547) e outros autores, o infinitivo simples é um tempo desprovido de qualquer marca que veicule informação temporal. Neste sentido, a

informação temporal destes enunciados partiria sempre da informação temporal proporcionada pelo verbo matriz da frase.

Todavia, Silvano (2002: 207) e Cunha & Silvano (2006: 102, 2015: 103) argumentam que, apesar de a localização temporal de orações completivas com o infinitivo simples depender, em grande medida, das propriedades semânticas do verbo que as seleciona, o infinitivo simples revela marcas de temporalidade. De acordo com os autores, este facto é visível, por exemplo, com verbos declarativos como *dizer* e *afirmar*, que não “fornecem quaisquer indicações no que diz respeito à localização das subordinadas que selecionam” (Cunha & Silvano 2015: 103). Estes ocorrem com sucesso com verbos estativos na completiva, mas não são tão aceitáveis com verbos eventivos.

(34) Ao telefone com um intérprete, disse estar cheio de medo que o matassem.

(35) #A Ana disse correr.

(36) A Ana disse estar a correr.

(Cunha & Silvano 2006: 102)

Seguindo esta proposta, a estranheza de (35) deve-se ao facto de *correr* ser um processo. Se o processo associado a *correr* for recategorizado em estado através do uso do progressivo como em (36), a frase é totalmente aceitável. Ora, sabe-se que os estados se sobrepõem aos seus intervalos de localização, por não terem fronteiras delimitadas, o que permite que as situações representadas na completiva pelo infinitivo tenham uma leitura de simultaneidade em relação à situação matriz. Porém, tendo em conta que as situações eventivas ocorrem dentro dos limites do seu intervalo de localização, se o infinitivo fosse totalmente desprovido de tempo, não seria possível fazer a sua localização temporal e, dada a neutralidade dos verbos matriz, qualquer possibilidade de localização seria, em princípio, aceitável.

Este é um dos argumentos para os autores afirmarem que o infinitivo simples é um tempo defetivo em termos temporais, uma vez que veicula alguma informação temporal, embora não tanta como as formas finitas.

Parecem existir, contudo, situações eventivas que não se podem recategorizar em estados, e cuja localização temporal se revela mais complexa.

(37) O Tribunal intimou o arguido a designar um defensor e este disse escolher uma equipa de advogados de entre os juristas do Instituto de Ajuda Legal e da Ordem dos Advogados.

(Cunha & Silvano 2006: 306)

Para dar conta de situações deste tipo, Cunha & Silvano (2006) baseiam-se na proposta de Kamp & Reyle (1993), que defende que a localização temporal das situações passa por estabelecer dois tipos de relações diferentes: (i) a relação entre o intervalo de localização da situação e o ponto de perspetiva temporal; (ii) a relação entre o ponto de perspetiva temporal e o ponto da fala.

O ponto de perspetiva temporal de Kamp & Reyle (1993) é um conceito que se diferencia do ponto de referência de Reichenbach (1947), embora, em determinadas situações, possam coincidir. Assim, como já se viu, o ponto de referência corresponde ao intervalo de tempo entre o ponto do evento e o ponto de enunciação. O ponto de perspetiva temporal é o intervalo de tempo a partir do qual a situação é localizada.

O infinitivo simples permite, então, estabelecer uma relação temporal entre a situação descrita por ele próprio e o intervalo de localização da situação da frase matriz, que lhe serve de ponto de perspetiva temporal. Todavia, não permite estabelecer relações entre o ponto de perspetiva temporal e o ponto da fala. Os autores realçam a capacidade de o infinitivo simples transmitir temporalidade, embora reconheçam a defetividade temporal desta forma verbal, dado que só permite estabelecer um tipo de relação.

Cunha & Silvano (2006) mostram a importância que os diferentes tipos de verbos introdutores podem exercer nas orações infinitivas. Assim sendo, tipicamente, frases com verbos matriz declarativos, como *afirmar*, *dizer*, *jurar*, e uma oração subordinada que contenha uma situação estativa ou eventiva estabelecem relações de simultaneidade, embora, nos casos de *afirmar* e *dizer* não seja somente o verbo matriz que permite esta interpretação, mas também as propriedades exibidas pelo infinitivo. Com os verbos de crença e de atividade mental, quando o predicado da subordinada é estativo, existe simultaneidade temporal entre as situações. Não obstante, o verbo introdutor *pensar* projeta para o futuro as situações encaixadas, estabelecendo preferencialmente relações de posterioridade, tal como no exemplo (39). Admite, contudo, alguns casos de simultaneidade com verbos estativos, como é o caso de (38).

(38) Pensei viver num país calmo.

(39) Pensei ser médica.

(Cunha & Silvano 2006: 108)

Com verbos volitivos, o infinitivo veicula uma leitura de futuridade relativamente ao tempo da oração principal. O infinitivo simples pode, ainda, remeter para um tempo passado relativamente ao da oração principal com verbos cognitivos “de memória”, como seja *lembrar-se*, com interpretação eventiva.

- (40) Tinha doze anos e lembro-me de ouvir na televisão um concerto de Sonny Rollins e não aguentar aquilo.

(Cunha & Silvano 2006: 110)

O infinitivo composto tem sempre interpretação de passado relativamente a um tempo de referência.

3. Análise do *corpus*

Por forma a realizar uma análise comparativa de algumas das propriedades temporais e aspetuais do português europeu e do inglês britânico, constituímos dois *corpora*. O primeiro capítulo do livro *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, de J.K. Rowling, e a respetiva tradução para português europeu serviram este propósito. Note-se que este é um capítulo com sequências maioritariamente narrativas e descritivas, com alguns momentos de discurso direto.

O primeiro *corpus*, daqui em diante designado de *corpus 1*, contém todas as formas verbais encontradas nas duas versões do capítulo analisado. A versão inglesa (versão IB) conta com um total de 817 ocorrências e a versão portuguesa (versão PE), com um total de 850 ocorrências. No caso das ocorrências de perífrases verbais ou de complexos verbais com verbos de operação aspetual, estas foram contabilizadas como uma só forma verbal, apesar de a sua estrutura incluir mais do que um verbo. Assim, exemplos como “*couldn't help noticing*” (IB) e o seu correspondente “*não pôde deixar de reparar*” (PE) foram contabilizados como uma ocorrência de *simple past* e pretérito perfeito do indicativo, respetivamente.

O segundo *corpus*, designado de *corpus 2*, foi o mais relevante para o estudo do comportamento dos infinitivos simples, e consiste na totalidade das ocorrências de orações completivas infinitivas argumentais de verbo com função de objeto direto na versão portuguesa e as suas correspondentes na versão inglesa. No *corpus 2* há um total de 11 ocorrências.

3.1. Metodologia de análise

A constituição de um *corpus* de análise para este trabalho foi uma tarefa de várias etapas, uma vez que os sistemas verbais das línguas em análise diferem: a primeira etapa correspondeu ao levantamento de todas as ocorrências de formas verbais na versão original do livro e à sua posterior classificação. Daqui resultou um total de 817 ocorrências de formas verbais na língua inglesa.

A segunda etapa correspondeu à realização do mesmo processo na versão em português europeu do livro em questão e respetiva classificação. Em português europeu, obteve-se um total de 850 ocorrências de formas verbais. Tendo em conta que a realização deste trabalho requer uma comparação, pareceu natural que a terceira etapa correspondesse ao alinhamento destas ocorrências. Naturalmente, visto que o português se revelou mais rico em número de ocorrências de formas verbais, 33 ocorrências não tiveram alinhamento possível. De seguida, tendo já os dados devidamente alinhados, procedeu-se a uma análise quantitativa por tempo verbal em ambas as línguas.

Num segundo momento, restringimos a análise ao infinitivo, que registou na versão portuguesa quase tantas ocorrências como outros tempos do indicativo. Ora, como o infinitivo pode surgir em diversos tipos de frases complexas, optou-se por restringir o estudo às orações subordinadas completivas infinitivas argumentais de verbo com função de objeto direto. O facto de o infinitivo ter registado uma elevada frequência foi o que motivou esta etapa do estudo. Assim, foi nosso objetivo averiguar, com base nestes dados, as propriedades temporais do infinitivo neste tipo de estruturas e verificar se as propostas de Silvano (2002) e Cunha & Silvano (2006, 2015) se confirmam. Para além disso, pretendemos igualmente fazer um estudo comparativo com a versão inglesa, por forma a apurar se os usos do infinitivo são semelhantes aos da versão portuguesa e se as propriedades temporais se mantinham as mesmas. Como tal, para a constituição deste segundo *corpus*, foram contabilizadas ocorrências deste tipo de orações na versão portuguesa e alinhadas com a respetiva tradução na versão inglesa.

Este segundo *corpus* é, então, constituído por 11 orações completivas infinitivas, e pelas respetivas traduções da versão inglesa. Assim, ao passo que o primeiro *corpus* foi alinhado a partir da versão original para a versão traduzida, o segundo *corpus* foi constituído e alinhado de forma inversa, isto é, partindo da versão portuguesa para a versão inglesa.

O processo de análise do *corpus 2* integrou vários parâmetros. O primeiro parâmetro de análise, dado que as ocorrências na versão inglesa nem sempre corresponderam ao mesmo tipo de estruturas da versão portuguesa, foi aferir que tipo de frases ocorrem na versão inglesa: se são completivas, se o elemento subordinante é também um verbo e qual a sua natureza. Seguidamente, procedeu-se à classificação aspetual da situação descrita na frase superior e na frase subordinada. Os tempos verbais e a sequência de tempos das frases foram os parâmetros seguintes, uma vez que estes interagem com o perfil aspetual das situações. A conjugação da totalidade destes parâmetros, para além de permitir contrastar de imediato as diferenças sintáticas e semânticas entre a versão portuguesa e a versão inglesa, fornece

algumas pistas para definir a relação temporal que as frases estabelecem entre si, tendo sido este o nosso último parâmetro de análise.

3.2. Discussão dos resultados

3.2.1. Apresentação de resultados do *corpus* 1

A análise do primeiro *corpus*, constituído por todas as formas verbais presentes no capítulo que serviu de base a este estudo, permitiu, desde logo, aferir alguns dados importantes. As 817 ocorrências levantadas na versão inglesa distribuem-se pelos seguintes tempos verbais:

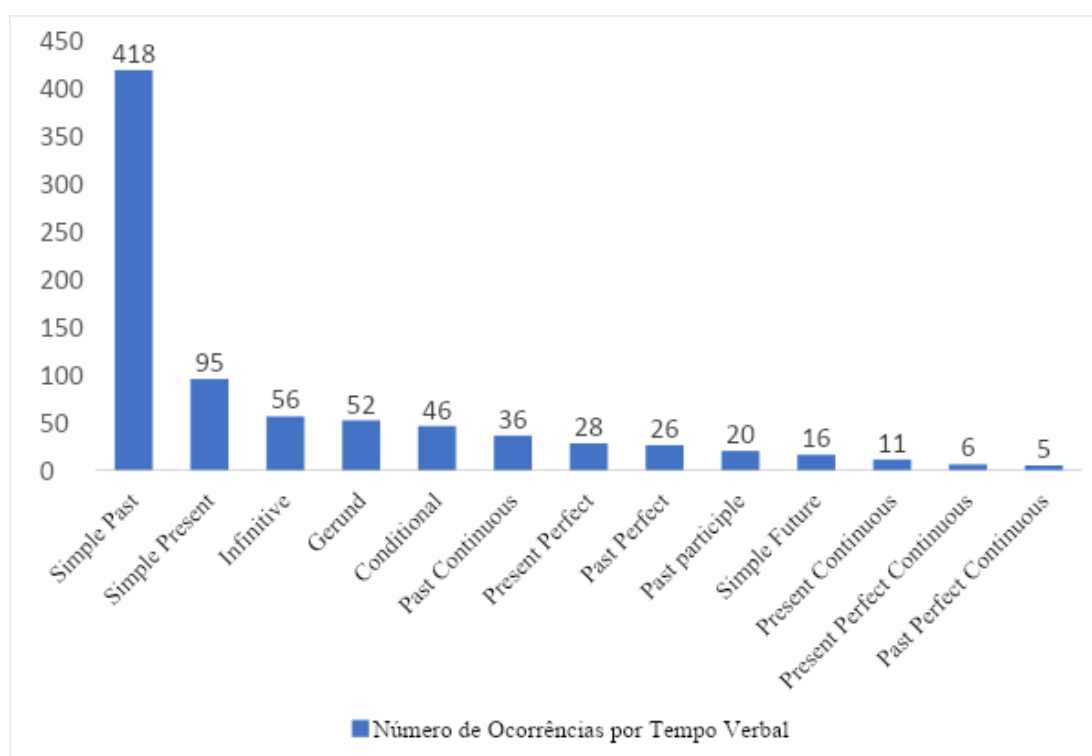


Figura 3. Distribuição de Ocorrências por Tempo Verbal em inglês.

A versão inglesa denota uma esmagadora maioria de ocorrências no *simple past*, correspondendo a um total de 51,2% das ocorrências. Seguem-se as ocorrências no *simple present*, que perfazem 11,6% do total registado, seguido pelas ocorrências de infinitivo, que correspondem a 6,9%.

Os resultados obtidos nos dados da versão portuguesa diferem, desde logo, pelo total de ocorrências encontradas: a versão portuguesa registou um total de 850 ocorrências, mais 4% do que a versão original. Esta diferença pode ser justificada por escolhas do tradutor no processo de tradução. Veja-se os exemplos retirados do objeto de estudo, onde a versão

original contempla um modificador apositivo do nome, que o tradutor optou por traduzir numa oração relativa:

- (41) Mr and Mrs Dursley, **of number four, Privet Drive**, were proud to say that they were perfectly normal(...).
- (42) Mr. e Mrs. Dursley, **que vivem no número quatro de Privet Drive**, sempre afirmaram, **para quem os quisesse ouvir**, ser o mais normal que é possível ser-se(...).

Para além disso, ao contrário da versão inglesa, não há uma discrepância tão grande entre o tempo mais frequente e os restantes na versão portuguesa.

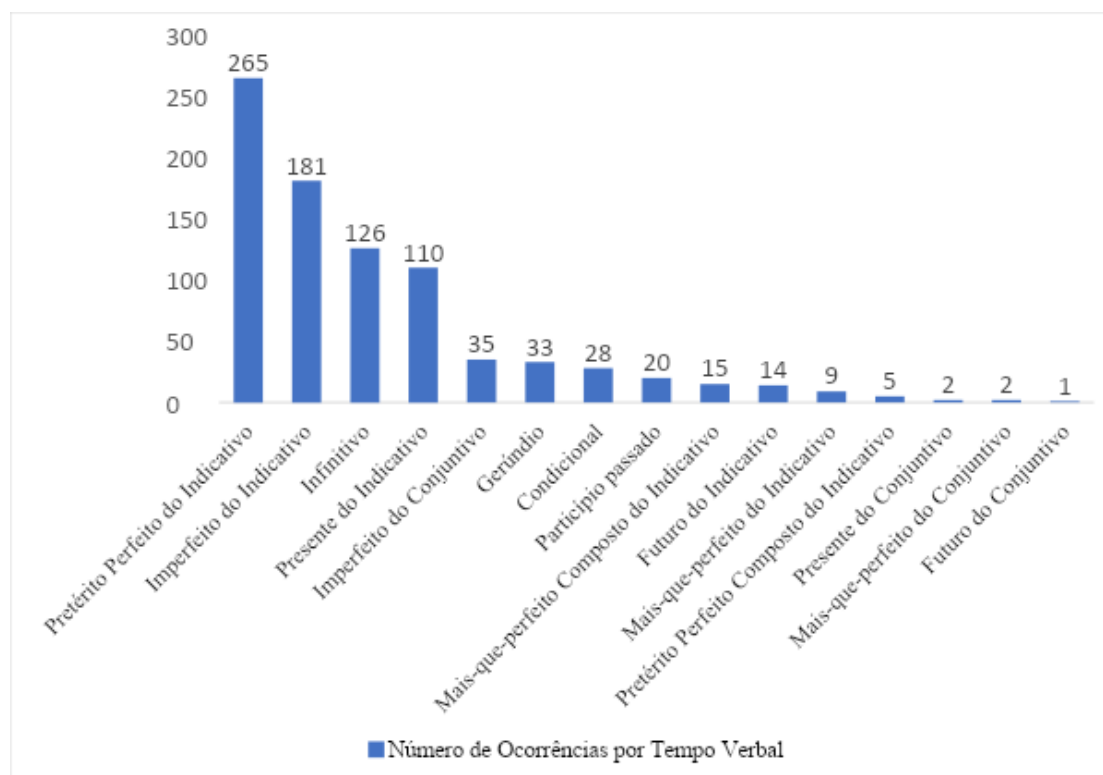


Figura 4. Distribuição de Ocorrências por Tempo Verbal em português.

A maioria das ocorrências na versão portuguesa, 31,2%, encontra-se no pretérito perfeito do indicativo. O pretérito imperfeito do indicativo ocupa o segundo lugar com 181 ocorrências (21,3%), seguido pelo infinitivo⁶ com 126 ocorrências, o que corresponde a 14,8%. Tanto na versão portuguesa como na versão inglesa, as formas no infinitivo ocupam o terceiro lugar, embora a percentagem na versão portuguesa seja maior.

O facto de as leituras de *simple past* serem aspetualmente equivalentes às leituras dadas pelo pretérito perfeito e pelo pretérito imperfeito⁷ justifica o grande número de ocorrências deste tempo verbal. As leituras que no inglês foram veiculadas com recurso ao

⁶ Note-se que, para efeitos de contabilização de dados, o número de infinitivos registado inclui as formas simples e composta, o infinitivo flexionado e o não flexionado.

⁷ Estas leituras já foram discutidas em 2.2.2.1.

simple past, no português foram veiculadas com recurso a dois tempos verbais: o perfeito e o imperfeito do indicativo.

Salienta-se, também, a diferença no número de infinitivos encontrados nas duas línguas. Note-se que, da contabilização do número de infinitivos, foram excluídos os casos em que o infinitivo surge em complexos verbais, pelo que foram apenas contabilizados aqueles casos em que o infinitivo surge em orações infinitivas. Estes dados indicam, portanto, que a versão portuguesa é mais produtiva em orações infinitivas do que a versão inglesa. Aos infinitivos da versão portuguesa correspondem formas verbais finitas na versão inglesa, o que pode indicar que algumas das relações temporais existentes na versão IB possam ser transmitidas na versão PE através do recurso ao infinitivo, contradizendo as propostas tradicionais que defendem que o infinitivo é desprovido de marcas de temporalidade e corroborando as propostas de Silvano (2002) e Cunha & Silvano (2006, 2008, 2015).

3.2.2. Apresentação de resultados do *corpus* 2

A fase seguinte da análise consistiu em restringir ainda mais o *corpus* que se havia constituído, com o objetivo de aprofundar o estudo dos infinitivos simples. Nesta fase, a análise já não partiu da versão original (IB) para a traduzida (PE), mas sim da traduzida para o original. Tendo em conta que o infinitivo em português pode surgir num elevado número de construções sintáticas, a escolha feita para esta última fase de análise passou pelo estudo do comportamento dos infinitivos em orações completivas de verbo com função de objeto direto. Este *corpus* conta com um total de 11 ocorrências:

#	Completiva em Português	Correspondente em Inglês
1	Mr. e Mrs. Dursley (...) sempre afirmaram (...) ser o mais normal (...).	Mr and Mrs Dursley (...) were proud to say they were perfectly normal (...).
2	(...) não pensou senão na grande encomenda de brocas que esperava receber nesse mesmo dia .	(...) he thought of nothing except a large order of drills he was hoping to get that day.
3	(...) quando decidiu dar um pequeno passeio para esticar as pernas (...)	(...) when he thought he'd stretch his legs.
4	Não sabia explicar porquê , mas faziam-no sentir-se desconfortável.	He didn't know why, but they made him uneasy.
5	Não tinham decidido esquecer que ela tinha uma irmã?	After all, they normally pretended she didn't have a sister.
6	Decidiu não arriscar	He decided he didn't dare.
7	Eu não queria acreditar	I didn't want to believe it.

8	E já agora não quererá explicar-me porque é que veio?	And I don't suppose you're going to tell me why you're here, of all places?
9	Não está a querer dizer-me que (...) .	You don't mean – you can't mean (...).
10	Famoso por uma coisa que nem ele consegue lembrar-se .	Famous for something he won't even remember.
11	Espero vê-la em breve .	I shall see you soon.

Quadro 6. Lista de ocorrências de orações infinitivas completivas de verbo com função de objeto direto em português e respetivos correspondentes em inglês.

Apesar de estas 11 ocorrências em português corresponderem a orações do tipo proposto para análise neste estudo, a sua grande maioria advém de uma tradução não literal do inglês, sendo que apenas um número muito reduzido tem um correspondente do mesmo tipo sintático na versão original.

Assim sendo, das 11 ocorrências deste tipo em português, apenas 6 têm uma oração completiva como correspondente, sendo estas as ocorrências 1, 2, 3, 6, 7 e 8. Todavia, apenas as ocorrências 2 e 7 contêm orações completivas infinitivas, tal como no português, pelo que as restantes correspondem a formas finitas. Numa primeira instância, isto poderia significar que há, pelo menos, quatro ocorrências em que a oração infinitiva na versão portuguesa permitiu dar conta da semântica das relações denotadas por tempos verbais do passado, como o *simple past*, ou por tempos futuros, como o *simple future* ou o *conditional*. Porém, para verificar se as relações temporais que o infinitivo permite se mantêm fiéis às do original, deve-se analisar a frase composicionalmente, pois há outros elementos frásicos que possibilitam a alteração da leitura temporal das situações, como já foi debatido anteriormente (cf. 2.1.2.; 2.1.3. e 2.2.2.). Começamos, então, por discutir a influência dos tempos verbais nas orações principais.

3.2.2.1 O elemento subordinante

Todas as completivas em análise são selecionadas por um verbo. Ora, o tempo verbal do verbo matriz é crucial para a determinação da relação temporal entre as orações. Para o português, regista-se o seguinte:

Tempos Verbais	Número de Ocorrências
Pretérito Perfeito	3
Imperfeito	3
Mais-que-Perfeito Composto	1
Futuro	1

Presente (inclui forma progressiva)	3
Tempos verbais	Total: 11
	Número de Ocorrências
Simple past	3
Past Continuous	1
Simple present	1
Infinitive	1
	Total: 6

Quadro 7. Tempos verbais dos verbos que seleccionam a oração completiva na versão PE.

Há 5 casos de completivas em português que em inglês correspondem a frases simples, pelo que estas não estão contabilizadas nesta subsecção e serão analisadas mais adiante, quando for feita a análise individual por ocorrência. Ainda assim, é claro que a maior parte dos tempos verbais nas orações principais corresponde a tempos do passado (pretérito perfeito e imperfeito, *simple past* e *past continuous*), o que seria expectável dada a natureza narrativa do objeto de estudo.

Para além do tempo verbal, já se viu que o tipo do verbo principal é também um fator que contribui para a localização temporal das situações no infinitivo simples (cf. 2.3.2). Com efeito, na versão portuguesa observa-se a existência de ocorrências com verbos declarativos, volitivos, factivos e causativos:

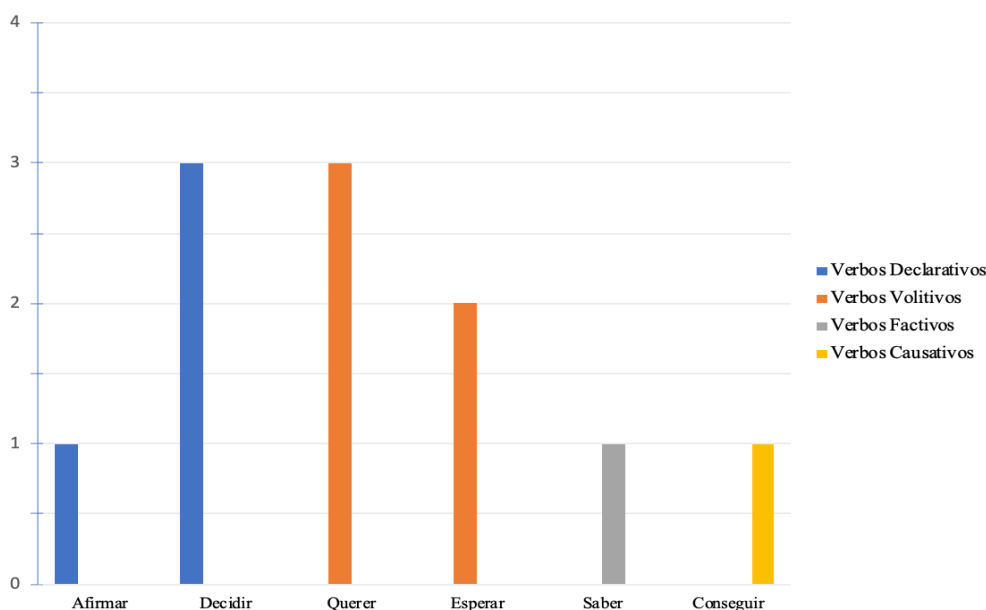


Figura 5. Verbos que seleccionam a completiva na versão PE.

3.2.2.2. As classes aspetuais

A classificação das situações em termos aspetuais, nesta fase, deve ter em conta a derivação aspetual. Por outras palavras, a informação aqui estabelecida diz respeito à classe aspetual que a situação adquire na frase, ignorando, para já, se essa informação corresponde ao aspeto lexical ou ao aspeto derivado da situação.

Não se opta, também nesta fase, por comparar a informação da versão original com a informação da versão traduzida, porque a versão IB não contém o mesmo número de frases complexas que a correspondente em português contém. Esta comparação será feita individualmente, numa fase posterior, quando pertinente para aferir se a versão traduzida veicula os mesmos valores temporais que a original.

Então, para o português verifica-se:

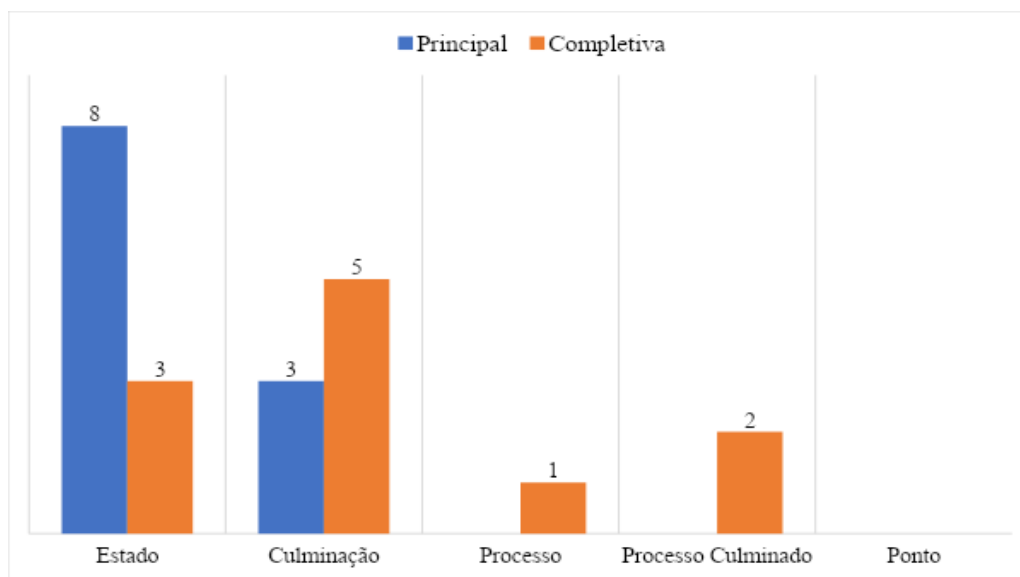


Figura 6. As classes aspetuais em português.

Estados ocorrem com mais frequência, registando um total de oito frases superiores com situações estativas (1, 2, 4, 7, 8, 9, 10 e 11), e quatro frases completivas com situações estativas (1, 5, 7 e 10). Seguem-se as culminações, com um total de três em frases superiores (3, 5 e 6), e quatro em frases completivas (2, 6, 9 e 11). Os processos e processos culminados ocorrem apenas em orações completivas, registando um total de uma e duas ocorrências (3; e 4 e 8, respetivamente). Não há ocorrências de pontos.

No caso da versão original, o número de completivas é significativamente menor, havendo três ocorrências que correspondem a frases simples (9, 10 e 11). Destas ocorrências, os exemplos 9 e 10 correspondem a situações estativas. Apenas a ocorrência 11 denota uma

culminação. Há também um exemplo de uma frase complexa, mas que não contém nenhuma completiva, visto que se trata de uma estrutura de coordenação (4). Este exemplo corresponde, igualmente, a uma situação estativa.

No caso das frases complexas, com orações completivas, as classes aspetuais das situações são as seguintes:

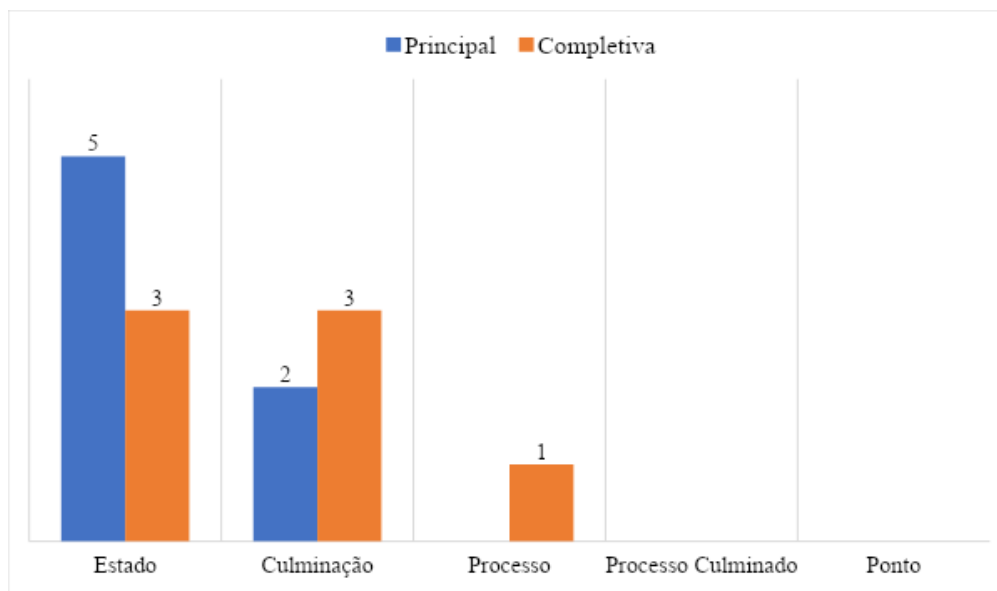


Figura 7. As classes aspetuais das orações em inglês.

Tal como na versão PE, a maioria das ocorrências, neste caso, dá-se com estados, com cinco ocorrências em situações da frase superior (1, 2, 5, 7 e 8) e três nas completivas (1, 5 e 7); seguem-se as culminações com duas ocorrências na frase principal (3 e 6) e três na completiva (2, 6 e 8). Os processos registam apenas uma ocorrência na frase completiva (3). Os processos culminados e os pontos não registam ocorrências.

A combinação de todos os dados analisados até esta fase, tendo em conta os diferentes parâmetros avaliados, permite, agora, uma análise mais extensiva do comportamento temporal do infinitivo nas orações completivas e uma comparação entre os dois sistemas verbais.

3.2.2.3. As relações temporais

Já se disse que a análise temporal e aspetual de uma frase depende de vários fatores, uma vez que as línguas naturais possuem vários mecanismos que podem alterar o tempo linguístico e a natureza aspetual. Todos os parâmetros mencionados até aqui serão, nesta fase,

combinados numa análise individual de cada ocorrência para uma melhor compreensão da influência que cada um exerce na localização temporal das situações.

Um dos resultados que se espera, logo à partida, retirar desta parametrização de análise é, conforme o exposto em 2.3.2., que a ocorrência que contém *afirmar* estabeleça uma relação de simultaneidade com a situação da oração infinitiva. Do mesmo modo, espera-se que as infinitivas contidas nas orações com *querer* ou *esperar* projetem uma leitura de posterioridade. Para se poder fazer uma comparação completa e fiável, resta apenas fazer uma breve análise às relações temporais que as situações estabelecem entre si.

3.2.2.3.1 Relações de simultaneidade

Começamos pelos exemplos que contêm situações que estabelecem entre si relações de simultaneidade, isto é, as frases cuja localização temporal das situações representadas pelas orações infinitivas é simultânea ao intervalo de localização das situações representadas pelas respetivas frases superiores.

Ocorrência 1	<i>Mr. e Mrs. Dursley (...) sempre afirmaram (...) ser o mais normal (...).</i>	<i>Mr and Mrs Dursley (...) were proud to say they were perfectly normal (...).</i>
Elemento subordinante	Verbo “afirmar” – verbo declarativo	Verbo “say”
Classe aspetual (principal)	Estado (habitual)	Estado (habitual)
Classe aspetual (completiva)	Estado	Estado
Sequência de tempos	Pretérito Perfeito + Infinitivo	Infinitive + Simple Past
Relação Temporal	Simultaneidade	Simultaneidade

Quadro 8. Parâmetros de análise da ocorrência 1.

Na versão original, o verbo que seleciona a oração completiva está no infinitivo e está subordinado à frase superior “Mr and Mrs Dursley (...) were proud”, o que lhe confere uma leitura de estado habitual no passado. Já o verbo *afirmar*, na versão portuguesa, é, no seu perfil básico, uma culminação. Contudo, a situação é interpretada como um estado habitual, localizado num intervalo passado, dado que o tempo usado é o Pretérito Perfeito. A leitura de habitualidade é conseguida através do uso do quantificador *sempre*. Assim, tanto a situação principal como a oração completiva, em ambas as línguas, representam estados habituais no

passado. As situações das orações encaixadas, quer na versão PE, quer na versão IB, são estados, pelo que estabelecem com as situações das respetivas frases superiores relações de simultaneidade.

Vejam-se, agora, casos de simultaneidade com o verbo matriz no imperfeito:

Ocorrência 4	<i>Não sabia explicar porquê, mas faziam-no sentir-se desconfortável.</i>	<i>He didn't know why, but they made him uneasy.</i>
Elemento subordinante	Verbo “saber” – verbo factivo	_____
Classe aspetual (principal)	Estado	Estado
Classe aspetual (completiva)	Processo Culminado ⁸	_____
Sequência de tempos	Imperfeito + Infinitivo	_____
Relação Temporal	Simultaneidade	_____

Quadro 9. Parâmetros de análise da ocorrência 4.

Ocorrência 7	<i>Eu não queria acreditar</i>	<i>I didn't want to believe it.</i>
Elemento subordinante	Verbo “querer” – verbo volitivo	Verbo “want”
Classe aspetual (principal)	Estado	Estado
Classe aspetual (completiva)	Estado	Estado
Sequência de tempos	Imperfeito + Infinitivo	Simple Past + Infinitive
Relação Temporal	Simultaneidade	Simultaneidade

Quadro 10. Parâmetros de análise da ocorrência 7.

O uso do imperfeito nestas ocorrências reveste-se de elevada importância. Na ocorrência 4, o imperfeito transmite a mesma informação temporal e aspetual veiculada pelo *simple past* da versão original, ou seja, um estado localizado no passado. Na versão portuguesa, a situação encaixada é um processo culminado que estabelece com a situação matriz também uma relação de simultaneidade. De referir que, embora na versão original não estivesse presente uma oração completiva, o tradutor da versão portuguesa optou por usar esta estrutura sintática, mantendo-se o significado.

⁸ Embora “explicar” seja, na sua base, um processo, considerou-se que, dado o contexto, é um processo culminado.

Por seu turno, na ocorrência 7, já há correspondência de estruturas sintáticas nas duas versões. A frase traduzida corresponde a uma tradução literal do original, mantendo-se as leituras temporais: ambas as frases são compostas por dois estados, que, devido ao facto de se sobreporem aos seus intervalos de localização, só podem estabelecer uma relação de simultaneidade.

Importa assinalar neste caso, contudo, a natureza do verbo matriz. Como referido em 2.3.2., Cunha & Silvano (2006) mostram que as frases com verbo matriz volitivo que selecionam orações infinitivas completivas projetam-nas tipicamente para o futuro. A ocorrência 7 parece não corresponder ao exposto. Esta não correspondência deve-se à combinação do uso do imperfeito com a natureza estativa do verbo *acreditar*.

Por fim, há uma ocorrência com tempos do presente que estabelece relações de simultaneidade:

Ocorrência 10	<i>Famoso por uma coisa que nem ele consegue lembrar-se.</i>	<i>Famous for something he won't even remember.</i>
Elemento subordinante	Verbo “conseguir” – verbo de capacidade	_____
Classe aspetual (principal)	Estado	Estado
Classe aspetual (completiva)	Estado	_____
Sequência de tempos	Presente + Infinitivo	_____
Relação Temporal	Simultaneidade	_____

Quadro 11. Parâmetros de análise da ocorrência 10.

O facto de o verbo da ocorrência 10 estar no presente do indicativo atribuiu-lhe leitura de estado. Na verdade, esta frase parece ter uma leitura própria das frases caracterizadoras, em que as duas situações relevantes são interpretadas como estados que estabelecem entre si uma relação de simultaneidade. Note-se que, apesar de a estrutura sintática da versão original ser diferente, convém salientar que o uso do modal *will* projeta a situação para o futuro, conferindo-lhe uma leitura episódica, ausente da versão em português. Porém, ainda que a situação estativa da versão PE fosse transposta para uma leitura episódica dada, por exemplo, pelo uso do pretérito perfeito no verbo matriz, a simultaneidade manter-se-ia: “Ele conseguiu lembrar-se disso”.

Assim, das 11 ocorrências que integram o *corpus 2*, há quatro que registam relações de simultaneidade. Seguimos agora para as ocorrências que estabelecem relações de posterioridade.

3.2.2.3.2. Relações de posterioridade

De entre as 7 ocorrências que estabelecem relações de posterioridade entre as situações representadas na frase, há duas com o verbo matriz no pretérito perfeito, uma no imperfeito, uma no mais-que-perfeito composto, duas no presente e uma no futuro. Seguimos por esta ordem:

Ocorrência 3	<i>(...) quando decidiu dar um pequeno passeio para esticar as pernas (...)</i>	<i>(...) when he thought he'd stretch his legs.</i>
Elemento subordinante	Verbo “decidir” – verbo declarativo	Verbo “think” – verbo de atividade mental
Classe aspetual (principal)	Culminação	Culminação
Classe aspetual (completiva)	Processo	Processo
Sequência de tempos	Pretérito Perfeito + Infinitivo	Simple Past + Conditional
Relação Temporal	Posterioridade	Posterioridade

Quadro 12. Parâmetros de análise da ocorrência 3.

Ocorrência 6	Decidiu não arriscar	He decided he didn't dare.
Elemento subordinante	Verbo “decidir” – verbo declarativo	Verbo “decide” – verbo declarativo
Classe aspetual (principal)	Culminação	Culminação
Classe aspetual (completiva)	Culminação	Culminação
Sequência de tempos	Pretérito Perfeito + Infinitivo	Simple Past + Simple Past
Relação Temporal	Posterioridade	Posterioridade

Quadro 13. Parâmetros de análise da ocorrência 6.

Quanto à terceira ocorrência, a primeira diferença que se vê de imediato é a natureza dos verbos matriz no original e na versão portuguesa. Contudo, esta diferença aparenta estar relacionada com opções do tradutor e não altera a leitura temporal da frase.

Nas duas versões, há correspondência quanto ao tempo verbal da situação matriz, *simple past*/pretérito perfeito, e à natureza aspetual das situações, culminação/processo. O que importa salientar na análise desta ocorrência é a forma como a posterioridade é dada. Na versão PE, a situação representada pelo infinitivo localiza-se depois da situação “decidir”, devido à natureza lexical deste verbo introdutor. Tal como Cunha & Silvano (2006) referem, os verbos com as características semânticas de “decidir”, independentemente do tempo verbal em que surgem, projetam tipicamente as situações com que ocorrem num intervalo de tempo futuro ao da sua localização. A versão PE não é uma tradução literal da versão IB, sendo que o verbo da frase superior é diferente da versão original “*think*”. Porém, o verbo “*think*” tem as mesmas características semânticas de “decidir”, projetando, igualmente, a situação da completiva para o futuro. Mais ainda, a completiva da versão IB está no condicional, o que assegura a leitura de futuridade.

O verbo introdutor da ocorrência 6 é o mesmo verbo declarativo “decidir/*decide*”, igualmente em tempos do passado (*simple past*/pretérito perfeito). Nas duas versões deste exemplo, o verbo declarativo é introdutor de uma frase completiva, cuja situação é um processo: na versão IB a frase completiva está no *simple past*, e na versão PE o tradutor optou por traduzir por uma oração infinitiva, mantendo o significado original. Ambas as versões contêm negação na oração subordinada. No caso do PE, a negação da infinitiva permite que a situação de “não arriscar” seja prolongada por um intervalo de tempo maior do que a sua forma afirmativa “arriscar”. No entanto, e novamente referindo a proposta de Cunha & Silvano (2006), os verbos com as características semânticas de “decidir/*decide*” projetam a situação da frase completiva para o futuro, não obstante o tempo verbal em que se encontra ou a classe aspetual da situação. Assim, as duas versões estabelecem relações de posterioridade.

Ocorrência 2	(...) <i>não pensou senão na grande encomenda de brocas <u>que esperava receber nesse mesmo dia.</u></i>	(...) <i>he thought of nothing except a large order of drills <u>he was hoping to get that day.</u></i>
Elemento subordinante	Verbo “esperar” – verbo volitivo	Verbo “hope” – verbo volitivo
Classe aspetual (principal)	Estado	Estado progressivo
Classe aspetual (completiva)	Culminação	Culminação
Sequência de tempos	Imperfeito + Infinitivo	Past Continuous + Infinitive

Relação Temporal	Posterioridade	Posterioridade
-------------------------	----------------	----------------

Quadro 14. Parâmetros de análise da ocorrência 2.

Na versão original, o verbo que seleciona a frase completiva está no *past continuous* e está subordinado a “*a large order of drills*”, adquirindo uma leitura de estado progressivo no passado. Na versão portuguesa, “esperar” é, no seu perfil básico, um estado, e, neste caso, o seu perfil estativo no passado e com prolongamento indeterminado está assegurado também pelo uso do imperfeito. Assim sendo, tanto a versão IB como a versão PE denotam na frase superior situações estativas que ocorrem no passado. As situações descritas pelas frases completivas são, nas duas versões, culminações e ambas no infinitivo. Sendo “esperar/hope” verbos volitivos, projetam as situações que ocorrem nas suas completivas para o futuro. Tanto na versão IB como na versão PE, as frases completivas estabelecem, então, relações de posterioridade com as respetivas frases superiores.

No exemplo (5), não há correspondência ao segmento da versão PE que está em estudo. A versão portuguesa inclui uma interrogativa com duas orações que traduzem o significado de “*after all they normally pretended*”: sendo a primeira “não tinham decidido”, na qual o verbo “decidir” seleciona a completiva infinitiva *esquecer* “que ela tinha uma irmã”. “Que ela tinha uma irmã” é, por sua vez, uma frase completiva de “esquecer” e corresponde a um estado. O importante a analisar na versão IB é, então, “*after all, they normally pretended*”, que corresponde a um estado localizado no passado. A versão PE mantém a localização da situação no passado através do uso do pretérito mais-que-perfeito composto no verbo matriz “decidir”. Tanto “decidir” como “esquecer” são, na sua base, culminações. Mas a combinação de “esquecer” com a completiva que seleciona (“que tinha uma irmã”) altera a natureza eventiva da situação para um estado. Este facto e a natureza interrogativa da frase não invalidam, contudo, a proposta de Cunha & Silvano (2006). Assim, a natureza do verbo “decidir” determina a leitura de futuridade das frases que lhe estão subordinadas.

Ocorrência 5	<i>Não tinham decidido esquecer que ela tinha uma irmã?</i>	<i>After all, they normally pretended she didn't have a sister.</i>
Elemento subordinante	Verbo “decidir” – verbo declarativo	_____
Classe aspetual (principal)	Culminação	Estado habitual

Classe aspetual (completiva)	Estado	_____
Sequência de tempos	Pretérito Mais-que-Perfeito Composto + Infinitivo	_____
Relação Temporal	Posterioridade	_____

Quadro 15. Parâmetros de análise da ocorrência 5.

Na ocorrência 9, o correspondente na versão IB à frase em estudo na versão PE não contém nenhuma completiva: trata-se de uma frase simples no presente do indicativo que representa um estado. Na versão portuguesa, o verbo “querer” que seleciona a completiva “dizer-me que (...)” está sob o domínio de um verbo de operação aspetual *estar a*, adquirindo progressividade e tornando-se, assim, num estado progressivo. Por sua vez, o verbo da completiva representa uma culminação. “Querer” é ainda um verbo volitivo e, como tal, atribui leitura de futuridade à frase completiva.

Ocorrência 9	<i>Não está a querer dizer-me que (...).</i>	<i>You don't mean – you can't mean (...).</i>
Elemento subordinante	Verbo “querer” – verbo volitivo	_____
Classe aspetual (principal)	Estado progressivo	Estado
Classe aspetual (completiva)	Culminação	_____
Sequência de tempos	Presente progressivo (com verbo de operação aspetual) + Infinitivo	_____
Relação Temporal	Posterioridade	_____

Quadro 16. Parâmetros de análise da ocorrência 9.

A ocorrência 11 contém novamente um exemplo com um verbo volitivo: o verbo “esperar”, cujo perfil aspetual básico é um estado, está conjugado no presente e introduz uma culminação. Esta frase não é uma tradução literal da versão original, pelo que na versão IB as estruturas frásicas não lhe correspondem diretamente. A existência do adjunto “em breve” na frase completiva, combinado com o facto de estar um evento na frase subordinada, e com a projeção para o futuro dada pelo verbo matriz *esperar*, atribui automaticamente à situação representada pela frase completiva uma leitura de posterioridade. A versão inglesa, apesar de não conter uma completiva, consegue, igualmente, fazer uma projeção para o futuro da situação “see”, através do modal *shall*. Posto isto, apesar de as estruturas frásicas não serem

semelhantes, o português permite, graças ao uso de uma oração infinitiva, veicular os mesmos valores temporais da versão inglesa.

Ocorrência 11	<i>Espero vê-la em breve.</i>	<i>I shall see you soon.</i>
Elemento subordinante	Verbo “esperar” – verbo volitivo	_____
Classe aspetual (principal)	Estado	Processo
Classe aspetual (completiva)	Culminação	_____
Sequência de tempos	Presente + Infinitivo	_____
Relação Temporal	Posterioridade	_____

Quadro 17. Parâmetros de análise da ocorrência 11.

Por fim, a ocorrência 8 contém também exemplos que não são semelhantes. A versão IB tem um verbo matriz de atividade mental, *suppose*, no *simple present*, a que está subordinada uma frase completiva com *going to*. Já a versão portuguesa conta com um verbo matriz volitivo, *querer*, no futuro do indicativo. Ambas as versões têm verbos matriz que representam estados. Tanto os verbos volitivos como a maior parte dos verbos de atividade mental projetam as situações das frases que lhes são subordinadas para o futuro. Assim, apesar da pertença a diferentes classes por parte dos verbos que as integram, estas frases mantêm os mesmos valores temporais.

Ocorrência 8	<i>E já agora não <u>quererá</u> explicar-me porque é que veio?</i>	<i>And I don't <u>suppose</u> you're going to tell me why you're here, of all places?</i>
Elemento subordinante	Verbo “querer” – verbo volitivo	Verbo “suppose” – verbo de atividade mental
Classe aspetual (principal)	Estado	Estado
Classe aspetual (completiva)	Processo Culminado	Culminação
Sequência de tempos	Futuro + Infinitivo	Simple Present + Future (going to + Infinitive)

Relação Temporal	Posterioridade	Posterioridade
-------------------------	----------------	----------------

Quadro 18. Parâmetros de análise da ocorrência 8.

Posto isto, das 11 ocorrências analisadas, 4 mantêm relações de simultaneidade e as restantes 7 estabelecem relações de posterioridade. Não há ocorrências de anterioridade. Isto era expectável, na medida em que o *corpus 2* não contém nenhuma ocorrência com verbos de memória. Quanto às estruturas frásicas estudadas, a versão portuguesa mostra-se muito mais produtiva do que a versão inglesa: das 11 ocorrências consideradas para este estudo na versão portuguesa, apenas duas correspondem a orações completivas infinitivas na versão IB. Contudo, na versão inglesa há o registo de mais 4 ocorrências de completivas, embora não sejam infinitivas. As restantes 5 ocorrências são frases simples e não têm, por isso, correspondência entre versões. Convém, no entanto, salientar que, nas ocorrências com correspondência que foram analisadas, os valores temporais se mantêm da versão original para a versão traduzida, pelo que o infinitivo simples na versão portuguesa permitiu dar conta dos valores temporais transmitidos por frases finitas na versão original.

A análise das relações temporais neste *corpus* realçou a importância das propriedades semânticas e da classificação atribuída aos verbos matriz, uma vez que estes foram fatores determinantes para o estabelecimento das relações temporais entre a frase completiva e a frase superior na maioria dos casos analisados. Assim, corroborando a proposta de Cunha & Silvano (2006), neste *corpus*, de uma forma geral, as construções com verbos matriz declarativos e de atividade mental tendem a manter relações de simultaneidade, os exemplos que contêm verbos volitivos tendem a manter relações de posterioridade. Nos casos em que esta tendência parece não se verificar, como no exemplo 7, a explicação poderá ser encontrada na interferência de outro elemento na frase, cuja informação aspetual se sobrepõe. No caso do exemplo em causa, trata-se da combinação do imperfeito no verbo matriz com a natureza estativa do verbo da completiva.

4. Conclusões

Os objetivos que motivaram a realização desta pesquisa foram os de averiguar de que forma os sistemas verbais do português e do inglês veiculam os conceitos inerentes ao tempo e se é possível estabelecer paralelismos na tradução destes valores no capítulo da obra literária que foi analisada. O alcance destes objetivos sem restringir o objeto de estudo a um único tempo verbal seria impossível num trabalho deste calibre. Assim, este estudo foi

executado com base em dois *corpora*: um que contém todas as ocorrências de formas verbais encontradas e outro que contém apenas as ocorrências do tempo verbal escolhido para o efeito, o infinitivo simples.

O *corpus 1* foi construído com o levantamento, classificação e posterior comparação das formas verbais encontradas nas versões IB e PE do capítulo analisado. Esta tarefa obrigou ao domínio de alguns conceitos e propostas sobre as questões de tempo e de aspeto, não só no português, mas também no inglês. Obrigou, de igual modo, a avaliar os pontos de contacto e de divergência entre as duas línguas. Este estudo passou pelas propostas de Reichenbach (1947), Vendler (1967), Moens & Steedman (1988), e.o, algumas delas descritas em Mateus *et al.* (2003) e Raposo *et al.* (2013), e, para o caso do sistema inglês, a de Huddleston (2002). Os resultados obtidos neste momento determinaram a constituição do *corpus 2* e permitiram uma melhor definição dos parâmetros pertinentes a aplicar na sua análise.

Do levantamento de todos os tempos verbais que constituíram o *corpus 1*, foi possível retirar logo algumas conclusões importantes acerca dos tempos verbais nas duas versões do capítulo em estudo: a) em termos de ocorrências verbais, o português é mais produtivo que o inglês. Ao longo de todo o capítulo analisado, encontraram-se várias estruturas em inglês sem formas verbais, cuja tradução no português implicou o uso de estruturas sintáticas diferentes com formas verbais. Ora, daqui resulta que, para o mesmo conteúdo informativo, o número de tempos verbais em português é mais elevado do que o do inglês; b) o número de formas infinitivas na versão portuguesa é significativamente mais elevado do que na versão inglesa. A contabilização de formas infinitivas no *corpus 1* excluiu, nas duas versões, todos os infinitivos que surgem em perífrases verbais ou em complexos verbais, isto é, foram apenas contabilizados os casos em que o infinitivo surge num domínio oracional próprio. No caso da versão portuguesa, em específico, para efeitos de contabilização, o número de infinitivos engloba as formas simples e composta, o infinitivo flexionado e o não flexionado. Contrariamente, a versão inglesa é mais produtiva em formas participiais e gerundivas em domínio oracional próprio; c) há estruturas na versão original que incluem formas finitas e que a versão portuguesa representou por meio de orações infinitivas, mantendo o mesmo conteúdo informacional; d) por fim, constata-se que a alguns tempos verbais em inglês podem corresponder, na tradução, vários tempos verbais em português.

Estas conclusões, ainda que mais gerais, foram um forte impulsionador para a escolha do infinitivo feita na segunda parte deste trabalho. A sua elevada frequência nas duas versões nesta fase de análise motivou a necessidade de uma restrição ainda maior no que respeita ao âmbito do estudo. Assim, visto que o infinitivo pode aparecer numa variedade de estruturas

sintáticas, optou-se por estudar apenas as orações completivas infinitivas com função de objeto direto.

O *corpus 2* foi então constituído com todas as ocorrências deste tipo de orações infinitivas na versão portuguesa e as suas correspondentes na versão inglesa. O objetivo da análise deste *corpus* era, em primeiro lugar, averiguar as propriedades temporais do infinitivo na estrutura sintática eleita e aferir se as propostas de Silvano (2002) e Cunha & Silvano (2006, 2008, 2015) se confirmam e, em segundo lugar, comparar o comportamento dos infinitivos nas duas versões, ou seja, verificar se o uso do infinitivo na versão IB é semelhante ao da versão PE, e, caso tal se verificasse, avaliar se as propriedades temporais se mantêm. Com base nestes objetivos, a análise do *corpus 2* assentou em parâmetros como os tempos verbais, as classes aspetuais das situações, as relações temporais interoracionais, bem como noutros elementos frásicos que contribuíssem para a interpretação temporal. Também daqui se extraíram conclusões relevantes: i) a versão portuguesa é mais produtiva em orações deste tipo, visto que uma grande percentagem dos casos não teve oração completiva infinitiva correspondente na versão original; ii) o verbo da frase superior é de extrema importância no estabelecimento de relações temporais interoracionais, uma vez que, nos dados analisados, este foi um elemento determinante na maioria dos casos, corroborando a proposta de Cunha & Silvano (2006); iii) através da análise do *corpus 2*, foi possível perceber que o infinitivo nas completivas foi capaz de estabelecer relações temporais com as frases superiores, corroborando novamente as hipóteses levantadas pelos referidos autores, nomeadamente a de que o infinitivo não é totalmente isento de temporalidade. É, sim, defetivo em termos temporais, dado que não permite estabelecer a relação entre o ponto de perspectiva temporal e o momento da enunciação; iv) por último, apesar das diferenças estruturais, temporais e aspetuais entre a versão original e a versão traduzida, verificou-se que as leituras temporais entre ambas se mantêm, pelo que é legítimo concluir que as orações infinitivas da versão traduzida são capazes de veicular os valores temporais dados por formas finitas na versão original.

Por fim, os dados analisados neste estudo não são suficientes para encontrar padrões representativos para este tipo de estruturas nas duas línguas em causa. Como tal, um alargamento dos *corpora* permitiria obter mais dados do funcionamento dos infinitivos simples e, possivelmente, observar outros casos menos produtivos, com verbos de natureza lexical diferente, por exemplo. Seria também uma possibilidade observar o comportamento de infinitivos noutro tipo de orações infinitivas e apurar se as relações temporais estabelecidas são ou não as mesmas.

Referências

- Barbosa, P.; Raposo, E. 2013. Subordinação Argumental Infinitiva. In Gramática do Português (Vol. II, 1901-1977). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, L. F. 2013. Aspeto. In Gramática do Português (Vol. I, 585-619). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, L. F.; Silvano, P. 2006. A interpretação temporal dos Infinitivos em orações completivas de verbo. Textos Seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Colibri, 303-314.
- Cunha, L. F.; Silvano, P. 2008. Algumas evidências em favor da existência de temporalidade no Infinitivo Simples. Textos Seleccionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 179-192.
- Cunha, L. F.; Silvano, P. 2015. A interpretação temporal dos Infinitivos em orações completivas de verbo. In Estudos de Semântica (101-112). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/ Centro de Linguística da Universidade do Porto. ISBN 978-989-8648-42-6
- Cunha, L. F. 2016. Algumas peculiaridades da construção *ir + Infinitivo* em Português Europeu. Revista da Associação Portuguesa de Linguística. 10.21747/2183-9077/rapla11.
- Duarte, I. 2003. Subordinação Completiva - as orações completivas. In Gramática da Língua Portuguesa (593-652). Lisboa: Caminho.
- Huddleston, R. 2002. The verb. In The Cambridge Grammar of the English Language (71-212). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lopes, S. 1999. Pontos divergentes entre os sistemas verbais Inglês e Português no que respeita às categorias morfológicas do verbo. Viseu: Millenium.
- Moens, M. 1987. Tense, Aspect and Temporal Reference. Tese de doutoramento, Universidade de Edimburgo.
- Moens, M.; Steedman, M. 1988. Temporal ontology and temporal reference. Computational Linguistics. 14(2): 15-28.
- Oliveira, F. 1998. Algumas questões semânticas acerca da sequência de tempos em Português. Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas, 15: 421-436. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Oliveira, F. 2003. Tempo e Aspeto. In Gramática da Língua Portuguesa (127-178). Lisboa: Caminho.
- Oliveira, F. 2013. Tempo Verbal. In Gramática do Português (Vol. I, 509-553). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reichenbach, H. 1947. Elements of symbolic logic. New York: Macmillan.
- Silvano, P. 2002. Sobre a Semântica da Sequência de Tempos em Português Europeu. Análise das Relações Temporais em Frases Complexas com Completivas. Tese de mestrado, Universidade do Minho.
- Silvano, P. 2015. A questão semântica da subordinação temporal em frases complexas com completivas finitas e não finitas. In Estudos de Semântica (89-100). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/ Centro de Linguística da Universidade do Porto. ISBN 978-989-8648-42-6
- Vendler, Z. 1967. Verbs and Times. In Linguistics in Philosophy (97-121). Cornell University Press.

Outras Referências

- Rowling, J. K. 2019. Harry Potter e a Pedra Filosofal. Lisboa: Editorial Presença. ISBN 9789722325332.
- Rowling, J.K. 1997. Harry Potter and the Philosopher's Stone. London: Bloomsbury Publishing.